

- UM OLHAR MARGINAL SOBRE A ESCOLA -

Educação Marginal, Cultura e Formação Docente: a luta permanente por uma escola livre

Mônica Paranhos Coelho

RESUMEN

A escola precisa ser repensada, caso contrário, mais vítimas serão feitas... uma escola aberta, livre, verde, com troca de saberes e fazeres entre culturas e regiões. E assim aprender com o diferente as diferenças, o respeito, cuidar de nós, do outro e do planeta, deveriam ser os princípios básicos desse novo espaço de conhecimento. Juntos somos mais fortes! Mas como construir uma escola nesse formato dentro de um sistema opressor, que não te dá tempo para pensar, e o tempo é medido pelo seu trabalho produzido. A sociedade inteira está aprisionada nas mãos do capitalismo, o quê fazer? Somente um grupo de pessoas, espalhados em vários pontos do planeta que podem fazer esse movimento de conscientizar outros sobre essa escola antiga capitalista e essa outra que há por vir. E fazer desse movimento, uma consciência coletiva, uma revolução em prol de uma escola livre, para o bem da humanidade e do planeta.

PALAVRAS-CHAVE:

Escola, Cultura, Marginal, Educação, Juventude.

Quando a Educação não é libertadora, o sonho do oprimido é ser o opressor... Início esse texto com uma das frases mais emblemáticas de Paulo Freire, justo por estar passando mais uma vez por um momento intercultural, e como sempre, observo que é nas interações sociais e em espaços abertos, amplos em áreas verdes, independente das culturas ali presentes, a sensação de liberdade é algo real



para todos... a liberdade coletiva deveria ser o bálsamo de uma sociedade e não a liberdade individual com seus objetivos puramente individuais...

Sou um errante convicto, não consigo ficar muito tempo no mesmo lugar, por isso alterno entre cidades, estados e países, deve ser algo ainda da genética dos nossos ancestrais nômades, que ainda se mantém guardado no DNA... fazendo seguir para lugares diferentes, conhecendo pessoas e culturas diferentes...

Nessas andanças, observo muito as famílias e suas crianças, em algumas culturas, as crianças são estimuladas a explorar novos ambientes com cuidados básicos, estimuladas a experimentar emoções, sem o sentimento de remorso maternal ou paternal. Tanto que com 14, 15 anos estão viajando sem a presença dos pais... então me vem a mente a história do Brasil, e o modelo patriarcado aqui instaurado... Afinal quem cuidava dos filhos dos escravos? Dos filhos dos brancos eram as escravas... e o sentimento de abandono permanece nessa herança histórica que não nos faz avançar em termos de autonomia...

O cuidado deve existir, mas com parcimônia, nada exagerado... o excesso de ¹“zelo” durante os primeiros anos de vida, dificulta a criar imunidade, a administrar o medo, as emoções, determinando através da construção da autoconfiança o seu caráter.

Como professora de Educação Física, esposa, mãe e marginal, procuro captar a sabedoria de cada cultura para meu cotidiano, tanto familiar quanto profissional. A questão é quando uma professora (como outras também) possui essa compreensão, mas não pode praticar no ambiente onde trabalha, no meu caso em escolas públicas, por razões como o excesso de “zelo” dos pais, da direção, da SME, da SEEDUC e de outros órgãos os quais limitam que nossas crianças tenham experiências que promoveriam a autonomia e a autoconfiança.

¹ Zelo, como realmente conhecemos o significado da palavra, mas também pode ser algo do tipo – trate meu filho muito bem, senão te processo... ou seja, do lado de fora da escola a criança não é tão bem cuidada pelos pais.



Mas acredito que tudo isso faça parte de um projeto maquiavélico, desde quando foi criada a escola até agora como a conhecemos: muros altos, alarmes, horas marcadas, monitoradas, uniformes, divisão das categorias etc. como Foucault descreveu em seu livro *Vigiar e Punir* sobre a questão do panóptico. Além da estratégia milenar de manipular, para doutrinar e dominar. A escola veio para também normalizar e normatizar. Algo muito complicado para aqueles que vivem fora da caixinha.

Cada vez mais enclausuramos nossas crianças e cada vez mais cedo, a partir dos 4 meses... resultado? Recebo adolescentes que nem sequer sabem pular uma corda ou realizar um rolamento, a famosa cambalhota. A maioria das creches públicas não possuem espaço verde para a criança manipular com os pés e as mãos na terra, muitas chegam para mim sem a curvatura do pé, justo porque também o responsável não comprehende ou não foi orientado de que a criança precisava de um calçado ortopédico, isso é um exemplo dentre tantos, sobre desenvolvimento corporal na infância.

Não sei se estão conseguindo acompanhar o pensamento disléxico da marginal, mas a questão que levanto é a seguinte, mesmo com todos esses empecilhos, “zelo” por todos os lados, existem escolas, como a minha, que possui nos fundos uma praça enorme, arborizada, com árvores frutíferas, mesmo assim sou a ÚNICA professora que tem a “coragem”, (palavras de minhas colegas professoras) de levar os alunos pra Praça.

A questão não é ter ou ter coragem, a questão é ter que fazer o papel de educador que visa contribuir na construção de uma geração com saúde, autoconfiante, autônoma e que vá em busca de sua liberdade e de seu povo dentro do coletivo.

Por isso Freinet denunciava que essa escola doutrina a massa (alunos, professores, pais) para o capitalismo, mantendo o status quo, e uma das formas de abrir as consciências dessas novas gerações, seria com responsabilidade, sociabilidade e cooperatividade entre estes alunos interagindo em outros ambientes com outras culturas e visões de mundo.

Sou fruto da escola pública dos anos 70/80 e pelo menos fazíamos várias aulas passeios como, centro da cidade, parques, piqueniques, teatros, praias, museus etc. e deva ser por isso essa minha luta de todo ano ter que convencer a diretora, em não arrancar árvores, fazer um espaço de convivência, liberar



o vestiário para dias de calor, em solicitar a autorização para que meus alunos tenham aulas na praça, pois em décadas passadas era muito mais viável a realização de aulas passeios.

Como estimular o amor pelas plantas, animais e meio ambiente, se somos os primeiros a mostrar para as crianças o nosso poder de destruição?

Uma das primeiras regras que apresento para minhas turmas é não arrancar as plantas e não mate os bichos, pois é justamente isso que eles fazem.

Atualmente tenho alunos que morando há 10 km da praia, nunca mergulharam nela... Cada ano que passa, percebo a dificuldade de acesso, é um projeto...

O tal acesso a gratuidade em ônibus, agora é restrita, somente para ir à escola e vir dela, ou seja, o mundo fora da escola não faz parte da realidade do aluno.

Como contribuir para uma geração saudável, se somente alguns professores se comprometem em apresentar o autocuidado, o cuidado com o outro, sem medo de represália por parte de responsáveis e autoridades?

Como contribuir para uma geração saudável, livre de doenças, principalmente as atuais desse século, depressão, ansiedade, TDHA, autismo etc. se nós professores somos os primeiros a corroborar com o sistema farmacológico, sendo a categoria uma das mais consumidoras?

Como contribuir para uma geração confiante, autônoma, livre se quem a está educando segue nas amarras da sociedade capitalista, opressora?

Apenas com uma educação libertária, dentro do sistema, alterando o sistema... ações como essas, levar alunos fora do ambiente escolar, muitas vezes, fingindo de surda para realizar o feito; no meu caso na área de Educação Física, realizar exercícios não autorizados pela comunidade escolar, ou comentar assuntos proibidos pela escola; entrar de licença sem vencimento para poder agilizar os projetos proibidos dentro da escola; deixar seus alunos te seguirem nas redes sociais, para então te conhecer melhor e assim aniquilar qualquer julgamento prévio feito por outros adultos.

Infelizmente essas são algumas das mil e umas ações que realizo em 30 anos de magistério e é esse o papel daquele que se quiser fazer algo diferente na educação de novas gerações, terá que se prestar,



pois o sistema cada vez mais te aprisiona e aprisiona o aluno, e os pais, com perda de leis trabalhistas, respondendo a processos, represálias, criação de creches diurnas e noturnas, trabalho remoto, monitoramento de vídeo, aumento de carga horária etc.

Sou tão contra a atual escola que já tive sérios problemas com coordenadores de meus dois filhos, hoje um com 21 e a outra com 15 anos. Um está na Academia Militar das Agulhas Negras e a outra no Primeiro ano do Ensino Médio.

Relato de caso 1:

Pedro sempre foi um garoto tranquilo e muito sagaz, nascido na cidade, mas criado entre o mar e a montanha, sempre na estrada... então tínhamos um acordo, se Pedro chegassem ao último bimestre bem, poderia faltar toda sexta feira... conseguimos levar este segredo até um certo tempo, depois de descoberto, fui chamada na direção para explicar o motivo, respondi: - Simples... se o menino cumpriu parte do acordo devo cumprir com o meu!

O interessante é que a direção não estava preocupada com as faltas do Pedro mas sim da repercussão que gerou, pois outros alunos queriam fazer a mesma coisa... Perceberam como a escola se sentiu ameaçada?

Relato de caso 2:

Assim como Pedro, Micaela também criada na estrada, mas como menina é sempre um pouco mais observadora ela já foi mais longe... além de faltar as sextas no quarto bimestre, posso faltar o mês de fevereiro? Claro!

Novamente em 2023 fui chamada na secretaria, que minha conduta como também professora não era pertinente.

Respondi: - Interessante, em primeiro lugar, sabem que sou professora... MARGINAL, ou preciso explicar? E segundo, duas vezes fui chamada aqui devido aos acordos que fiz com meus dois filhos. Percebo que vocês não estão preocupados com faltas, notas, até porque sabemos que tudo cai por terra no final do ano letivo... não vou mudar meus acordos com meus filhos, os criei assim e por isso são o que são, saudáveis, inteligentes, educados, nunca fui chamada atenção, a não ser por esse motivo e



espero que seja o último. Deixei o livro Professora Marginal – Trajetórias e Movimentos para a Direção.

Percebo que a escola está no fim de sua vida... ou o seu formato terá que mudar... ou mais vítimas iremos ter... comprometendo a humanidade e o planeta...

Estamos em tempos em que essas novas gerações estão hiper conectadas primeiro com as máquinas, depois com os humanos e por último o planeta... enquanto a roda girar dessa forma, a humanidade e o planeta serão eternos prisioneiros do sistema...

De um outro ponto de vista, também vejo luz no fim do túnel, sempre há pessoas que denunciam, são os chamados visionários, os revolucionários ou que estão à margem do sistema, seguindo com suas existências dentro do sistema de modo transgressor ou marginal... somos os párias da sociedade. Existimos, vivemos, mas não comungamos com as atrocidades que ocorrem no cotidiano de nosso planeta.

Nossa missão é apontar os erros, provocar a reflexão, levantar os ânimos, ocupar espaços e construir a revolução.

Nosso papel é estar em todas as frentes de todos os campos e áreas, expandindo essa consciência, numa consciência coletiva em prol da humanidade e do planeta.

Guerras, fome, violência, pobreza, doenças psíquicas etc. são frutos desse sistema capital liberal doentio, que visa apenas o seu umbigo do que de dois, três, etc.

Se faz urgente a necessidade de APONTAR que a escola, o sistema educacional, a sociedade têm em parte culpa da falência educacional, emocional e financeira, dessas últimas gerações. Por quê deste o momento que entramos na escola, a criança é tolhida a criar, manipular, sonhar, explorar, cair, se machucar, se recuperar e se levantar. O papel da escola é perfeito - fábrica de trabalhadores dóceis e acríticos – ou, quando não conseguem domesticar os fora da caixinha, estes se tornam soldados do narcotráfico, a indústria bélica e indústria química e agrícola agradecem ou se tornam os doentes do sistema, onde a indústria farmacêutica também tira sua beirada, servindo ao baixo capitalismo. Todos ganham, menos a massa.



Devemos pensar nesse espaço que vá substituir a escola, um espaço de troca de saberes e fazeres, um lugar arejado, verde, multisseriado, onde também terá disponível a conectividade com as máquinas do nosso século 21, mas objetivando mais o humano, sua conexão consigo e com o outro e com o planeta. Penso também numa educação em itinerâncias, conhecendo outros lugares, pessoas e culturas, desperta a curiosidade e o respeito pelo diferente.

Acabar com o capitalismo é difícil, mas vemos que é um sistema inviável. Acredito que só conseguiremos nos livrar das garras desse sistema maldito, quando um movimento de pessoas pontuais (marginais), em lugares pontuais (marginais) estiverem realizando coisas pontuais (marginais), motivando e estimulando outros a entrarem nesse movimento, mas em outros lugares.

Para terminar esse texto, vou relatar sobre esta última semana... principalmente o dia de hoje...

Sou Professora de Educação Física e Corredora de Ultra Trail Run e precisei me ausentar na escola semana passada para poder correr 200Km no La Mision Race 200Km – Villa La Angostura – Argentina.

A corrida começava na quinta dia 22 e terminava dia 25 de fevereiro às 18 horas, ou seja, podia fazer em até 80 horas. Minha intenção era fazer entre 60 e 65 horas. Pois já tinha corrido uma de 160 km em 54 horas... iniciou a corrida e no Km 70, por erro meu de logística, sofri de hipotermia moderada. Passado o sofrimento e perdido umas 7 horas continuei na corrida, mas não com intuito de fazer os 200 km, alternei para 120 km devido ao estado vulnerável que me encontrava. Terminei em 51 horas. Cheguei ao Brasil no dia 26 às 1 da madrugada e às 7 estava na escola, mal muito mal... os alunos perceberam, perguntaram e disse para eles o ocorrido só que com mais detalhes. Eles ficaram encantados, os olhos brilhavam, fizeram várias perguntas do tipo: Tinha neve? Como fala bom dia em espanhol? Não ficou com medo do escuro? Passou fome? Corre direto?

Interessante nisso tudo, como os alunos (quarto ano do ensino fundamental) ficaram interessados, nem queriam praticar atividade física, quiseram escutar o quê tinha para dizer de novidade para eles... enquanto os adultos... nada



Por conta disso, houve uma repercussão de terça para hoje, dia 29, e logo que cheguei a escola, os alunos fizeram um alvoroco, me pediram para passar alguns vídeos, imagens da região, do que fiz, e foi dessa maneira que acabei apresentando uma aula – através de bate-papo ou roda de conversa – geografia; clima; corrida de montanha; altimetria; curvas de nível; hipotermia; hiper ventilação; tipos de abrigo; alimentação; linguagem; hidratação; sinalização; segurança; etc... foi belíssima aula, por ter apresentado algo novo a esses alunos, despertando-os a curiosidade, pois assisti seus olhos brilharem, infelizmente não constará no currículo mínimo, apenas no currículo marginal.

E assim termino este texto com a esperança de que essa rigidez escolar se acabe um dia, assim como também torço para acabar, a rigidez acadêmica...

REFERENCIAS

COELHO, Mônica Paranhos. **Jovens e Cultura Marginal: do mínimo ao máximo – derrubando muros.** Curitiba: Editora CRV, 2019. (Coleção Pedagogia Social para o Século XXI – V.3)

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão.** Petrópolis. Editora Vozes, 2014

FREINET, Célestin. **As técnicas Freinet da escola moderna.** Lisboa Editorial Estampa Ltda, 1975.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 2005.

MARTINS ARAÚJO, Margareth. **Pedagogia Social: Diálogos com crianças trabalhadoras.** São Paulo: Editora Expressão e Arte, 2015. (Coleção Pedagogia Social – V.8)

MERÇON, Juliana. **Interculturalidade, natureza e educação – afetos filosóficos.** Rio de Janeiro: NEFI, 2020 (Coleção Ensaios – V.8)